

AJIS 632

MEIO AMBIENTE X

Serra e Vila Velha arregaçam as mangas

Margó Dalla

O desenvolvimento e a preservação ambiental, sob as mais diversas formas, vêm se colocando como um paradoxo. E no Espírito Santo esse paradoxo parece atingir dimensões ainda maiores. Dos 45 mil 597 quilômetros de área, dos quais 90 por cento eram constituídos de florestas naturais que, sem distinção, cobriam do litoral à região serrana, hoje só existem 231,731 mil hectares.

De florestas naturais. Se o ritmo for mantido, em menos de uma década não haverá mais florestas no Estado.

Como consequência imediata, afirmam ecologistas como José Lutzenberger, acontece a diminuição da produtividade agrícola, secas, enchentes e falta d'água no campo e na cidade.

Marcos Mendes

O Espírito Santo iniciou a década de 60 com pouco mais de 30 por cento de suas reservas florestais. Nas últimas décadas verificou-se um processo de desenvolvimento mais acelerado e mais devastador, principalmente com o incremento da exploração imobiliária e a falta de planejamento dos recursos minerais.

Sem uma fiscalização devida, um programa de reposição satisfatório, as condições ambientais no Estado têm se tornado cada vez mais complexas. Apesar de denúncias de grupos ambientalistas, ecológicos e de moradores, pouco tem sido feito ou, se feito, pouco tem sido divulgado.

SERRA

No município da Serra, a proposta ambientalista da Secretaria de Educação e Cultura é desenvolver uma consciência preservacionista junto à comunidade. Informar a todos os cidadãos sobre os problemas de meio-ambiente e ecológicos. Segundo o diretor do Departamento de Cultura, Germano Saué, a idéia inicial é instituir um trabalho conjunto com a Emater, IBDF e ITCF, tendo como alvo principal as crianças em idade escolar e os colonos. As crianças são o alvo principal. Serão orientadas através de informações específicas sobre a importân-

cia da conservação e preservação da natureza. Junto aos colonos, a idéia é mais imediata e seria centrada em informações sobre os perigos das queimadas, a derrubada do restante das matas da região e ainda o risco da poluição através de defensivos e adubos químicos.

Conhecedor da realidade ambiental capixaba, Germano Saué considera como necessidade urgente a ampliação do debate preservacionista do meio-ambiente, porque "hoje, a devastação de florestas, a poluição dos rios e a destruição da fauna tem atingido níveis assustadores e alarmantes", diz.

GRAVE

A situação ambiental no Espírito Santo é grave e não dá mais para ficar só na teoria. Pensando assim, a Secretaria de Educação da Serra, através do Departamento de Cultura, já partiu para a prática. No início do mês realizou uma passeata ecológica, até a Reserva Florestal do Mestre Álvaro. Apesar da pouca divulgação, a passeata reuniu um expressivo número de interessados, dos diversos segmentos da comunidade serrana, principalmente de crianças que se manifestaram favoráveis à adoção de novos eventos e de medidas práticas que venham a frear as agressões contra a natureza.

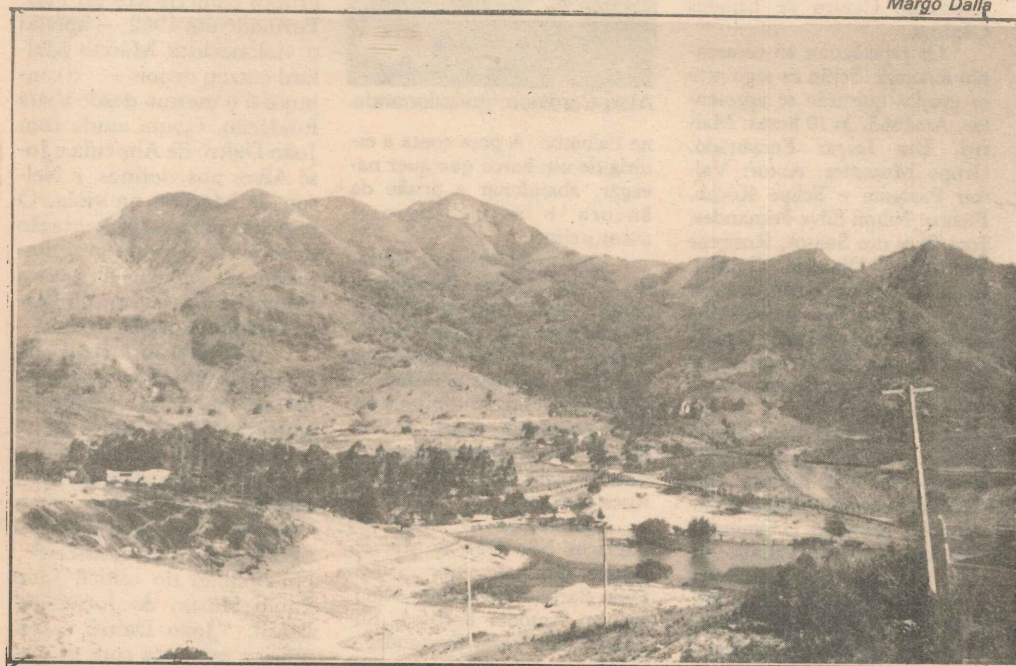
Na seqüência de seu trabalho, a Secretaria já

programou para setembro próximo, dia 29, uma nova passeata, que além de fechar a programação comemorativa da semana da árvore terá ainda palestras e discussões sobre ecologia e meio ambiente.

Germano Saué diz que a ecologia, o meio-ambiente fazem parte de uma visão cultural ampla. Por isso, tem procurado desenvolver seu trabalho a frente do departamento de cultura se voltando para as comunidades. "O município da Serra tem um artesanato e um folclore riquíssimo, que deve ser preservado e incentivado".

PASSEATA

Se na Serra as idéias ganham a prática, Vila Velha também tem se movimentado. Tanto é que nesse sábado, a partir das 8 da manhã, o movimento de controle ecológico S.O.S. Natureza promove uma passeata em defesa da preservação do Morro da Concha e de Jacarenema, que se encontram ameaçados pela exploração econômica. A passeata começa em frente à sede do Jôquei Clube e seguirá até o Morro da Concha, na Barra do Jucu. Os interessados podem ir a pé, de bicicleta ou de carro, e se possível vestidos de verde. A passeata terá a exibição de paraquedistas do Aeroclube do Espírito Santo, campeonato de surf e exibição de ultra-leves. Segundo seus organizadores, a passeata é uma forma de



Mestre Álvaro: objeto de preservação

denunciar e chamar a atenção da população sobre os problemas de meio-ambiente enfrentados pela comunidade de Vila Velha.

Apesar de ser um dos estados brasileiros que mais sofreu com a devastação de florestas e com a destruição de mangues e restingas, o Espírito Santo parece que não acordou ainda para a gravidade do problema. Os órgãos responsáveis são inoperantes em sua maioria e os de fiscalização muitas vezes não dispõem de condições de ação.

Morro da Concha, Jacarenema, Morro do Moreno, Rio Jucu, são alguns dos locais onde a poluição já chegou. Agora a ameaça ronda a lagoa Cocal, localizada no final de Itaparica, próxima à comunidade de Boa Vista, em Vila Velha. A lagoa, que atualmente é cercada por vegetação nativa e areal, está ameaçada pela exploração imobiliária.

MOBILIZAÇÃO

Mas a comunidade já está se mobilizando para impedir a devastação da lagoa. O Grupo S.O.S. Natureza, por exemplo, acha que o que precisa ser feito de agora em diante é uma definição da ação de preservação ambiental. "Não dá mais para denunciar e ficar esperando a atuação dos órgãos responsáveis", diz

Glauco Paiva, um dos integrantes do S.O.S.

No caso específico da Lagoa Cocal, segundo Glauco, a própria Prefeitura de Vila Velha já tentou aterrará-la, e o vereador Olgamito Rodrigues, do PMDB, pretende fazer aprovar, junto à Câmara Municipal de Vila Velha, uma lei que permita o escoamento dos esgotos residenciais do loteamento das chácaras na lagoa.

Segundo Glauco Paiva, a situação ambiental de Vila Velha é grave. "Se analisarmos os códigos de postura e as leis referentes à proteção do meio ambiente, veremos que nada está sendo respeitado" — constata. O S.O.S. Natureza considera urgente a aprovação de um Plano de Desenvolvimento Urbano (PDU) para orientar a ocupação do solo vilavelhense e, posteriormente, um plano definitivo que venha definir as áreas de preservação, livrando-as da exploração econômica.

As constatações do S.O.S. Natureza dão conta que o morro do Convento da Penha — que apresenta um dos últimos vestígios originais da mata atlântica no município — está sendo invadido pelo bambu, o assoreamento do Rio Jucu já é visível próximo à ponte da Rodovia Lindemberg, as

dunas da Praia do Ulé também já estão ameaçadas, o Morro do Moreno voltou a ser rondado pela exploração imobiliária e a Prainha espera pela instalação de um parque de lazer.

REAÇÕES

A situação já deu origem a reações, como o apoio do Conselho Comunitário ao S.O.S. Natureza, o pedido de tombamento do Morro da Concha, encaminhado pelos moradores da Barra do Jucu ao Conselho Estadual de Cultura, e a transformação de Jacarenema em patrimônio municipal, na gestão do prefeito Vasco Alves.

Jacarenema é um dos pontos de Vila Velha que mais violentamente tem sofrido a ação da exploração imobiliária. Segundo Glauco Paiva, mesmo com toda pressão dos ecologistas, o Grupo Oliveira Santos, proprietário da área, tem conseguido levar seus projetos econômicos, graças às liminares, que sempre consegue, junto à Justiça. A própria Prefeitura se incumbem de jogar lixo no local, o que provoca a revolta dos moradores e dificulta a ação dos ecologistas. Mesmo tendo recebido a visita do cientista Augusto Ruschi, que e classificou importantes espécies vegetais, Jacarenema continua sendo ameaçada.